

OS “DESAPOSENTADOS” DA TERCEIRA IDADE

Maria Zenaura de Souza Fortes - Uni-FACEF

Profª Drª Marilu Diez Lisboa - Uni-FACEF.

Profª Drª Maria Zita Figueiredo Gera - Uni-FACEF.

INTRODUÇÃO

Com o avanço da ciência, há uma série de fatores contribuindo para o aumento e expectativa de vida do ser humano. Hoje temos um coeficiente expressivo de pessoas na faixa etária de 60 anos em diante que estão buscando uma nova profissão, ou resgatando antigos ideais de juventude.

Refletindo sobre esta questão e com grande interesse sobre os temas envelhecimento, aposentadoria e atividade no e pelo trabalho, elaboramos a pesquisa com pessoas na fase de vida denominada velhice, ou terceira idade – como comumente se usa nos dias atuais.

A questão norteadora central deste estudo surgiu dos seguintes questionamentos: qual o sentido do trabalho profissional desenvolvido pelo homem durante sua vida ativa? O que é estar aposentado? O que representa o trabalho pós-aposentadoria? Como os aposentados estão trabalhando, vivendo e convivendo em seu cotidiano?

O trabalho de campo foi delineado como pesquisa exploratória, com sujeitos escolhidos entre aposentados de classe média, que recebem proventos que asseguram a satisfação de suas necessidades essenciais, residentes na cidade de Franca-SP e região.

Foram realizadas entrevistas individuais, com apoio de um roteiro composto por questões abertas, com oito sujeitos. A ênfase foi dada à análise qualitativa com fundamento dialético, conforme procedimentos apresentados por Minayo (1994), e os dados foram analisados com base na análise de conteúdo,

proposta por Bardin (2004), utilizando-se a categorização a partir dos conteúdos expressos por cada sujeito no momento da entrevista.

A fundamentação teórica foi desenvolvida através dos temas: trabalho e suas contribuições na vida dos seres humanos priorizando a saúde biológica, psicológica e social; aposentadoria como um momento especial que acontece na vida do idoso; e como a proposta do trabalho centrou-se na pesquisa junto ao aposentado ativo, tornou-se necessário discorrer sobre o trabalho no período de vida pós-aposentadoria.

Num segundo momento lançamos um olhar sobre o envelhecimento, nas dimensões biológica, psicológica e social, discutindo também sobre a temporalidade, ou seja, a ação do tempo e as alterações fisiológicas próprias da idade madura, contemplando o ciclo da vida e a grande complexidade da tarefa de compreender o envelhecimento humano e a própria velhice.

Prosseguindo, elaboramos uma análise dos conteúdos trazidos pelos sujeitos pesquisados, organizados “em redor de um processo de categorização” (BARDIN, 2004. p.111), construímos o perfil dos sujeitos pesquisados, detendo-nos na apreensão e interpretação das suas falas, reveladoras das questões concernentes ao trabalho em suas vidas e de seu modo de vida a partir da aposentadoria.

Esperamos que este estudo possa subsidiar reflexões e discussões sobre o assunto, trazendo luzes e compreensão para um período de vida tão especial e significativo: a idade madura. E que possa servir de estímulo para outros aposentados inativos que vivem o momento da aposentadoria como um luto pela morte social, pertencentes que são a uma sociedade que valoriza, acima de tudo, aqueles que produzem.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 O trabalho e suas contribuições à vida dos seres humanos

“A palavra trabalho tem diversas conotações : em latim *tripalium*, é usada para designar instrumento de tortura, utilizada para punir criminosos: no inglês *work*, significa ocupação, serviço, atividade. Na concepção católica, a perda do paraíso e a luta do homem pela sobrevivência” (PEREIRA, 2000, p. 19).

Na busca da compreensão do significado da atividade laboral, Zanelli destaca:

Se, para a sobrevivência, o trabalho deveria satisfazer pelo menos as necessidades básicas diárias, na perspectiva psicológica é uma categoria central no desenvolvimento do auto-conceito e uma fonte de auto-estima. É atividade fundamental para o crescimento do ser humano. Estabelece suas aspirações e seu estilo de vida. Em suma, é um forte componente na construção da pessoa que convive bem consigo mesma, acredita e orgulha-se de si.

No processo produtivo, em que o ser humano transforma e é transformado, o trabalho, como ação humanizadora, impõe assimilações em aspectos fisiológicos, morais, sociais e econômicos, é elemento chave na formação das coletividades e, portanto, dos valores que tais coletividades difundem (ZANELLI e NARBAL, 1996, pp. 21-22).

Se a pessoa tem interiorizada a idéia dominante de trabalho, como sendo um fim em si mesmo, e coloca a importância e o sentido da sua vida no papel que representa enquanto trabalhador, quando afastada do seu papel profissional pela aposentadoria, sentirá uma mudança na relação que estabeleceu entre o trabalho e o tempo livre que poderá ser usado como expansão individual, ou sentirá uma sensação de “vazio”. A aposentadoria para quem centra a vida no trabalho poderá ser sentida como uma morte social, diferentemente daqueles que entendem o trabalho como uma das bases do sentido da vida e do engajamento social, que terão outras fontes de investimentos para apoiar-se e manter-se.

Segundo Dal Rio (2004), aposentar-se em uma sociedade competitiva, que valoriza a produção e o consumo, significa a perda de um importante papel, e também de um espaço social reconhecido e valorizado. Esse fato pode levar a uma situação de desajustamento, isolamento e até marginalização, prenunciando a última etapa do curso da vida, aquela que vem sendo nomeada como velhice.

De Masi (2000) afirma que graças às novas tecnologias vivemos na sociedade pós-industrial na qual conhecer conta mais do que fazer e mesmo assim continuamos a trabalhar do mesmo modo que há cem anos atrás. O autor afirma que seríamos mais felizes e serenos se tentássemos adequar os nossos comportamentos às regras da sociedade pós-industrial, integrando na nossa vida o ócio e o trabalho, de modo a criar uma única e satisfatória continuidade. Ele nos exorta a aceitarmos inteiramente os desafios da vida e perseguir o único objetivo meramente importante: a felicidade.

De Masi (2000) defende, ainda, que muitas das atuais disfunções da família, da sociedade e dos indivíduos decorrem da forçada separação entre trabalho e vida imposta pelo modo de produção industrial.

O trabalho, no entanto, é fundamental na vida do ser humano, pois é através dele que o indivíduo ganha o seu sustento e o de sua família, e é também por seu intermédio que o homem pode realizar-se e completar-se. Nas relações estabelecidas no trabalho e pelo trabalho é preciso que tenhamos respeito uns com os outros, que sejamos solidários e transparentes, pois vivemos a maior parte do nosso dia “desperto”, no local onde trabalhamos. Formamos lá uma família, que sente, sonha, briga, manifesta suas carências e, juntos, estabelecem interação vital para viverem felizes, buscando uma convivência sadia, como se aquele lugar, de fato, fosse a casa de cada um. É muito comum pessoas realizadas em suas profissões dizerem: “nunca vou parar de trabalhar”; “trabalho para mim é tudo”; “não consigo ficar parado nem nos finais de semana”; “cabeça vazia é oficina do diabo”; “só minha família é mais importante que o meu trabalho”.

Hoje, na cidade de Franca, capital do calçado masculino, o próprio conceito de trabalho está mudado. Parece que está se repetindo um cenário de há dois séculos atrás, quando em alguns países agrícolas apareceram as primeiras indústrias. Prevaecem as atividades terciárias, criativas e inovadoras,

levando a novas concepções de trabalho e de tempo livre, a novas hierarquias entre as profissões e até a um novo papel para o ócio. Em vários casos, nota-se o prazer de se trabalhar em casa em meio a toda família, desfrutando da liberdade de poder ouvir um som, degustar um bolo caseiro feito pelas crianças da casa e confeccionar o pesponto de uma peça do calçado à sombra de uma árvore na porta da sua casa em um bairro da periferia.

Segundo Barbosa e Mendes (2003, p. 66),

Na indústria do calçado, o que observamos em Franca é que o espaço doméstico se modifica, transformando-se, em muitos casos, em uma unidade produtiva, que vai pouco a pouco admitindo os moldes racionais fordista – tayloristas, ampliando-se para os cantos mais variados da cidade e, influenciando não somente o aspecto da produção de calçados, mas sobretudo a maneira de viver, de se pensar o mundo. Em muitos casos, não se pode distinguir onde começa a oficina ou termina a casa. “Podemos dizer que a classe operária francana nasce e está dentro de casa, mais que em outros lugares”.

Navarro (2006), socióloga e conhecida da realidade econômica de Franca não vê de forma otimista o retorno do trabalho artesanal terceirizado, e assim se expressa:

O crescimento do processo de transferência de partes da produção pode ser realizado fora das indústrias, nas “bancas” ou em domicílio, observado a partir de meados dos anos 1980, contribuiu para o agravamento das condições de trabalho, na medida em que boa parte desse trabalho é realizada no domicílio do trabalhador, em locais improvisados e inadequados, invadindo e perturbando o espaço reservado à família (NAVARRO, 2006, pp. 387).

A crise provocada pelo desemprego está fazendo brotar no indivíduo a criatividade e, para gerar o próprio sustento, na busca de satisfazer suas necessidades básicas, ele está reinventando o trabalho. Um novo trabalhador está surgindo, como diz Santos (1997), médico psiquiatra, especialista internacional em estresse do trabalho. Ele terá mais possibilidades de encontrar emprego no setor de serviços. Terá que descobrir o que se faz necessário hoje, e o que se fará no futuro. Criar serviços para criar trabalhos. Alguns trabalhadores terão sua parte na indústria de fabricação, na manufatura, outros na agricultura, segundo afirmam os economistas. E quem não souber manejar um computador, ficará excluído, pois essa máquina será o lápis e papel do futuro.

No Brasil, além do crescente desemprego, há o aumento gritante de trabalhadores informais. Cresce a cada ano o número de sem-terra, de crianças excluídas da escola pelo trabalho precoce, das fazendas com trabalho escravo, sendo nossas leis trabalhistas ainda arcaicas.

Segundo Frei Betto:

“... As coisas ficarão melhores no dia em que o Produto Interno Bruto der lugar ao índice de Felicidade Geral da Nação. Então, a acumulação privada de riqueza cederá a vez à disseminação coletiva de direitos. Filhos da justiça, a paz brotará” (BETTO, 2003, pp. 53-54).

1.2 A aposentadoria

Segundo o novo dicionário Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira, aposentadoria significa: “Estado de inatividade de funcionário público ou de empresa particular, ao fim de certo tempo de serviço, com determinado vencimento; reforma”. (FERREIRA, 1971).

Encontramos também como sinônimos do verbo aposentar: “pôr-se de parte, de lado”. “O que é colocado de parte, de lado é aquilo que já não presta”. Aposentar também pode ser interpretado como “recolher-se aos aposentos”. No inglês, *to retire*, a imagem é de reclusão ou retirada.

Em nossa sociedade, em muitos casos, aposentar-se pressupõe perder a atividade, perder a capacidade de trabalho, a função de ser produtivo, participante ativo do desenvolvimento social. O aposentado vê-se desprovido de um lugar ao mesmo tempo em que é substituído por alguém com todas as capacidades que ele foi obrigado a abdicar ou reprimir.

Temos que considerar a realidade de mudanças na dinâmica social. Uma pessoa de quarenta anos era considerada velha há poucas décadas atrás. Hoje, no entanto, temos exemplos, em nosso cotidiano, de pessoas com idade mais avançada sendo líderes em diversas áreas de atividades, exercendo sua plena capacidade criativa e com base num grau de maturidade e experiência que necessariamente não podem se comparar aos de um jovem. Infelizmente poucos indivíduos na sociedade brasileira se organizam nesse exercício de ser maduro, experiente e ativo.

Debert (2004) afirma que há uma dissociação entre a aposentadoria e a velhice, caracterizando a experiência contemporânea, que é vista como uma consequência da ampliação do trabalho assalariado para as camadas médias e outros setores sociais e profissionais. Passando a abarcar setores com níveis mais altos de aspirações e de consumo, a aposentadoria deixa de ser uma forma de assegurar apenas a velhice dos mais pobres. Um contingente cada vez mais exigente e mais jovem de aposentados será objeto da ação de agências que se especializam na gestão da aposentadoria.

A autora mostra que o crescimento do mercado é acompanhado de uma nova linguagem, em oposição às antigas formas de tratamento dos velhos e aposentados: a terceira idade substitui a velhice; a aposentadoria ativa se opõe à aposentadoria sem atividades previstas; o asilo passa a ser chamado de centro residencial, o assistente social de animador social e a ajuda social para pessoas de mais idade ganha o nome de gerontologia. Os signos do envelhecimento são

invertidos e assumem novas designações, como: “nova juventude”, “idade do lazer”. Da mesma forma invertem-se os signos da aposentadoria, que deixam de ser um momento de descanso e recolhimento para tornar-se um período de atividade de lazer. Ainda, não se trata apenas de resolver os problemas econômicos dos idosos, mas também proporcionar-lhes cuidados culturais e psicológicos, de forma a integrar socialmente uma população tida como marginalizada. É nesse contexto que surgem os grupos de convivência e as universidades para a terceira idade como formas de criação de uma sociabilidade mais gratificante entre os mais velhos.

No mundo atual, estão quebrando os estereótipos pelos quais o envelhecimento é tratado, desestabilizando imagens culturais tradicionais. As novas imagens oferecem também um quadro mais positivo do envelhecimento que passa a ser concebido como experiência heterogênea em que a doença física e o declínio mental, considerados fenômenos normais nesse estágio da vida, são redefinidos como condições gerais que afetam as pessoas em qualquer fase. Estas imagens possibilitam, ainda, a abertura de espaços para que novas experiências de envelhecimento possam ser vividas coletivamente.

Seria, contudo, ilusório pensar que essas mudanças são acompanhadas de uma atitude mais tolerante em relação às idades. A característica marcante desse processo é a valorização da juventude, associada a valores e a estilos de vida e não propriamente a um grupo etário específico. A promessa da eterna juventude é um mecanismo fundamental de constituição de mercado de consumo. As oposições entre o “jovem velho” e o “jovem jovem” e entre o “velho jovem” e o “velho velho” são formas de estabelecer laços simbólicos entre indivíduos, criando mecanismo de diferenciação, em um mundo em que a obliteração das fronteiras entre os grupos é acompanhada de uma afirmação, cada vez mais intensa, da heterogeneidade e das particularidades locais.

Featherstone (apud DEBERT, 1994), sugere que não se pode redesenhar o mapa da vida adulta arbitrariamente. Ressalta que para um ser humano se tornar aceito como uma pessoa com plenos direitos de cidadão são exigidos em nossa sociedade: habilidades cognitivas, controles do corpo, controles emocionais. A

perda desses controles leva à estigmatização dos velhos e serve de base aos estereótipos negativos que marcam sua experiência. A concepção da velhice como um conjunto de perdas foi fundamental para a legitimação de direitos sociais. No entanto, as novas imagens do envelhecimento na luta contra o preconceito acentuam os ganhos que a idade traz.

A constituição do envelhecimento no mercado atual de consumo sugere que o corpo é pura plasticidade, portanto é dever de todos manterem-se jovens. Os “experts” em gastos públicos transformam o envelhecimento populacional em problema nacional, em um risco para a reprodução da vida social visto o alto custo do sistema previdenciário assistencial à velhice.

Lisboa (1996) lembra que para Freud o ser humano se desenvolve através do amor e do trabalho, uma vez que estas duas instâncias representam seu crescimento e a sua realização enquanto parte da natureza e da sociedade, que encontra ao nascer e modifica ao viver. Uma vez que abdique de uma ou ambas, nada justificará sua presença no mundo. Portanto, no pilar representado pelo trabalho, que sustenta a existência dos indivíduos, cabe também rever o sentido da aposentadoria, como uma das fases da realização do fazer humano dentro das novas formas de pensar este momento.

A aposentadoria deve ser uma etapa da vida de escolha prazerosa do uso do tempo, época para realizações dos sonhos, eliminação de obrigações incômodas, renovação de valores, re-significações de escolhas etc. É, portanto, em seu sentido genuíno, um descanso remunerado que permite criar, produzir por opção ou até resgatar ideais da juventude.

Durante o exercício de um trabalho/profissão, o ser humano convive com as pessoas que estão na mesma situação e local, estabelecendo mecanismos para que cada um do grupo se identifique entre si no sentido de ser reconhecido como profissional e como pessoa. Trata-se do estabelecimento de uma identidade profissional, que perpassa a identidade como pessoa total, nesse caso configurada e solidificada a partir das relações estabelecidas com vistas a objetivos similares. Criam-se assim, vínculos, desenvolvem-se afetos, moldam-se costumes peculiares ao grupo que, ao mesmo tempo em que seus membros se

diferenciam o tornam único. Quanto mais estreitas as relações, maior se faz a satisfação pelo convívio com o grupo, somando-se os laços com o trabalho em si aos projetos existentes, maiores dificuldades existirão no caso de um rompimento. Isto é o que se constata em casos como desemprego e aposentadoria.

Roberto Macedo (2007), articulista do jornal O Estado de São Paulo refere sobre o tema:

A aposentadoria está na mente de quase todas as pessoas, ou ha a perspectiva dela no futuro. Existem também os “desaposentados” que já a alcançaram, mas continuam trabalhando na mesma ou em outra atividade (MACEDO, O Estado de São Paulo – 29-04-07 – p. C-3).

Esse autor traz dados com base em pesquisas do IBGE, que afirmam sobre as expectativas de sobrevivência por idade. A cada ano que passa sabemos que vamos viver mais, em média, que nossos antepassados. Em 1980 os homens de trinta anos de idade tinham em média a expectativa de chegar aos 67,9 anos. As mulheres, que de um modo geral vivem mais, de alcançar os 72,7 anos. Em 2005 esses números foram 72,9 e 78,6, respectivamente. Faz-se interessante acompanhar o que se espera com respeito à sobrevivência, além das médias. No caso dos homens de 50 anos em 1980, tinham a expectativa de viver mais 22 anos, chegando aos 72, portanto. Contudo, quem sobreviveu tinha em 2005, a idade de 75 anos, e a expectativa de chegar aos 85,8 anos.

Com humor, Macedo (2007) consagra aos aposentados ativos, a denominação de “desaposentados”. Diz que esse grupo surge por boas e más razões, pois a continuidade no trabalho é para muitos apenas um “plano de trabalho complementar”, para aumentar os fracos rendimentos da aposentadoria; e para outros, a “desaposentadoria”, vem como uma oportunidade de continuar a carreira ou de iniciar uma nova mesmo que os rendimentos da aposentadoria sejam satisfatórios.

1.3 O tempo e sua ação na idade madura

Gail Sheehy (1991) traz a reflexão de que se nos confrontamos conosco na passagem intermediária da vida e encontramos uma renovação de propósito, podemos construir uma estrutura de vida mais autêntica. Nesta etapa da vida poderão estar os nossos melhores anos e, aos cinquenta anos, poderemos lidar com um novo calor e um enternecimento, ao mesmo tempo em que se faz presente uma ambigüidade de sentimentos: os amigos são importantes, porém a privacidade é de igual valor nesse momento.

Ela divide a vida adulta em quatro períodos sucessivos:

os vinte, “a penosa destruição das raízes”; os trinta “o ardil”; os quarenta, “enraizamento e expansão”; e os cinquenta, “a década fatal” Ao assumir nossas partes suprimidas ou mesmo indesejáveis, preparamo-nos, visceralmente, para a reintegração de uma identidade que é nossa e somente nossa. Não há uma forma artificial constituída para agradar a cultura ou a nossos pares. É uma passagem sombria no começo. “No entanto, desfazendo nosso eu, podemos vislumbrar a luz e juntar nossas partes de novo construindo uma nova personalidade” (SHEEHY,1991, p. 43).

Segundo Lorenzetto (1998), do mais remoto ser humano que viveu em nosso planeta ao homem contemporâneo, todos se valeram ora dos astros, principalmente o sol e a lua, ora de certos instrumentos como os sinos, as clepsidras e o calendário, para medir o tempo.

A partir do período renascentista, evidenciado pelo surgimento do relógio – o mais importante instrumento já utilizado para medir o tempo – inicia-se certa alteração no comportamento dos homens, pois, enquanto função social, o relógio vem favorecer a exploração do trabalho.

Assim, o tempo passou a significar dinheiro e, portanto, mercantilizou-se.

O homem, então, sob o poder do relógio, tenta dominar o tempo cronológico. O relógio forneceu os meios pelos quais o tempo passou a ser medido concretamente, em termos mais palpáveis, pelo movimento do seu mostrador. Os homens passaram a falar em extensões ou porções de tempo. Assim, o tempo passou a ser visto como uma mercadoria, que podia ser comprada e vendida como qualquer outra mercadoria.

Com o advento do sistema de produção capitalista, a definição do fator tempo passou a ser considerada dentro de uma nova visão, levando-se em conta que o mundo urbano se tornou diferente do mundo rural. Num e noutro as dimensões do tempo vivido com a família, e o tempo de trabalho, passaram a se alternar e a serem medidos de forma bastante rígida.

Ao atingir, finalmente, o período contemporâneo, o indivíduo mergulha numa nova dimensão. Segundo Lorenzetto (1998) idoso tem dificuldade para acompanhar esse ritmo que caminha de modo tão rápido, seguindo todas as alterações que o mundo atravessa. Vivenciando um cotidiano pesado, o idoso assiste a mudanças dramáticas de valores e sente que houve uma perda irrecuperável em sua vida – uma coisa muito importante feita de momentos, como retratos do passar do tempo.

Numa análise mais profunda, porém, percebem-se indícios de que uma parcela da camada populacional da chamada terceira idade está fugindo do pessimismo sugerido pela velhice. Ela vive o presente dentro de um cotidiano adverso, com olhos voltados para o futuro.

1.4 Os ciclos da vida e o envelhecimento

Erikson (1998) aprofundou estudos sobre o desenvolvimento humano mostrando que a velhice resulta da forma como o indivíduo viveu o seu ciclo vital. Ele criou uma série de estágios psicossociais em que analisa o processo de desenvolvimento humano, durante todo o percurso da vida. A obra *O ciclo de vida completo*, publicada inicialmente em 1982 e reapresentada em 1998 em versão

ampliada por sua esposa Joan M. Erikson, traz como destaque o nono estágio, o da velhice, abordando momentos entre progressos e regressões.

Erikson (1972) sintetiza as principais aquisições das diferentes etapas da vida, mostrando que cada uma é essencial ao momento seguinte, num processo cumulativo que determinará a forma como o ser humano vivenciará sua velhice. Este autor visualiza a vida dividida em fases, em que cumprimos tarefas relativas a cada uma delas passando para a fase seguinte. Assim, cada fase segue uma que a precede e, quanto melhor a anterior for vivida, mais chances existem de realização mais plena da que está em desenvolvimento.

Seguindo esta compreensão, entendemos que envelhecer não é adoecer, mas se constitui em um processo com amplas diversidades, envolvendo questões biológicas, psicológicas e sociais. Envelhecer é um processo natural e inevitável. As circunstâncias da vida precisam ser adaptadas à medida que as pessoas envelhecem. Há novos papéis e novos problemas a enfrentar, somados aos antigos e, para entrar nesta nova fase, exige-se preparação.

Um dos elementos que tomam maior expressão com o advento do envelhecimento, como regra, é o desejo e a busca pela compreensão da vida pelo prisma da espiritualidade. Jung (apud ZALMAN e MILLER 1996) nos diz que o valor da espiritualidade na vida avançada torna-se muito importante por proporcionar saúde psicológica em um momento de declínio da energia física e de perdas. Acreditava Jung que essa saúde pode ser garantida pelo fato do homem de idade ter uma meta espiritual que aponte para além do “homem puramente natural e sua existência terrena”. Afirma, ainda, que o que cura os pacientes na segunda metade da vida é cultivar uma perspectiva espiritual da existência.

Retomando a proposta do presente estudo, foram integrados as questões trabalho e tempo, vinculadas à objetividade e à construção subjetiva de tempo e atividade na concepção dos sujeitos pesquisados, com base em seu cotidiano, relatado. Espera-se vislumbrar o significado do trabalho nas dimensões do temporal para os sujeitos em questão, e re-significar como está sendo posto, na contemporaneidade, o sentido da vida e da busca da felicidade na idade avançada.

2 METODOLOGIA

Optamos pela pesquisa exploratória, na concepção dialética, entendendo que o método dialético é eficaz tanto para análise das falas de nossos sujeitos quanto para a investigação analítica e psicanalítica, adotada neste trabalho. A Sociologia, a Psicologia, a Antropologia e a Gerontologia analisam as situações de estresse do trabalho e a saúde mental do trabalhador apoiando-se no referencial psicanalítico e dialético, integrando-os posteriormente numa totalidade interdisciplinar, o que demonstra ser possível como modelo ao qual optamos como sustento metodológico desta pesquisa.

Como problema do estudo, nos propusemos a investigar qual o significado para homens e mulheres, com mais de 50 anos, que possuam a segurança financeira para a sua sobrevivência, de optarem por uma ou mais atividade em seu cotidiano, sejam estas remuneradas ou não.

Quanto aos sujeitos pesquisados, foram convidados quatro do sexo feminino e quatro do sexo masculino, totalizando oito aposentados, pertencentes à classe média, que recebem proventos que asseguram as suas necessidades essenciais, residentes na cidade de Franca e região.

Utilizamos como instrumento para a coleta dos dados a entrevista semi-estruturada, composta por questões abertas, e utilizada, segundo Minayo (1994), como meio de coleta de dados relatados por entrevistados, enquanto *sujeito-objeto de pesquisa* que vivenciam uma determinada realidade. As entrevistas foram gravadas, com o consentimento dos entrevistados.

Realizamos a coleta dos dados através de entrevistas marcadas com antecedência, invariavelmente na casa dos entrevistados, por escolha sua, atentando para a escuta das questões ditas e não ditas, respeitando as pausas, os silêncios e as manifestações emotivas.

Foi escolhida, para a análise dos dados, a Análise de Conteúdo, na proposta de Bardin (2004). Inicialmente, foi realizada uma compilação

explicitando o perfil dos sujeitos pesquisados. Na seqüência foi realizada uma categorização a partir dos conteúdos trazidos nas entrevistas, organizada em quadros.

Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, uma vez que atentamos para os aspectos éticos conforme resolução nº 196/1996, do Ministério da Saúde, referente à pesquisa com seres humanos.

3 ANÁLISE DE DADOS

Foram encontradas nove categorias para estudo, sendo elas:

Categoria 1. Posição do trabalho na vida das pessoas – na sua concepção.

Categoria 2. Significado do trabalho na concepção do sujeito.

Categoria 3. Auto-conceito como profissional – visão de seu trabalho profissional

do lugar de aposentado – se mudaria algo ou não.

Categoria 4. Vida pós-aposentadoria.

Categoria 5. Atividade pós-aposentadoria – remunerada ou não

Categoria 6. Exercício da generosidade – doar-se a pessoas, grupos, causas,

centrando-se na ajuda para o benefício do outro

Categoria 7. Auto-percepção da fase da aposentadoria- condição de vida, moradia/

convivência, saúde, ânimo.

Categoria 8. Como se vê com a idade que tem – lidando com limites – auto-

conhecimento e auto-aceitação

Categoria 9. Visão do mundo na fase da aposentadoria – como era o seu mundo –

como está o mundo hoje – como vê o tempo passando hoje

Neste artigo apresentamos, no quadro I, abaixo, uma síntese dos dados pertinentes à categoria 1, que trata da concepção dos aposentados sobre o trabalho que desenvolveram antes da aposentadoria

Categoria 1 – Posição do trabalho na vida das pessoas – na sua concepção

SUJEITOS	CATEGORIA 1 Síntese das respostas dos sujeitos às perguntas da entrevista
A MESTRA	Trabalho como ideal e realização pessoal, além da ajuda econômica, sempre se sentiu útil ao seu semelhante num exercício de solidariedade. Fazia do trabalho de professora uma ponte para ensinar as letras e a vida - por vocação e dedicação - lecionou Português e Redação com muito gosto por 40 anos e sentiu-se realizada por se tornar amiga e conselheira de seus alunos.
ALUNO CHAMPAGNAT	Construtor da família, do seu povo, e da sua cidade. Tem muito orgulho de sua trajetória profissional. Foi professor, advogado, criador de duas faculdades de Ensino Superior. É Doutor em Língua Portuguesa, Poeta, Escritor, Jornalista, ramo onde muito contribuiu para propiciar o desenvolvimento cultural da sua cidade.
ESTHER	Realização profissional como professora rural e catequista de crianças. Costureira por vocação. Tem no trabalho um sentido de realização e comprometimento com o outro, como agente transformador na vida da comunidade. Encara o trabalho como vocação durante toda a sua vida, como cuidado, ajuda, proteção, construtor da sua vida e de vidas alheias. Realiza trabalho filantrópico, num ato de amor ao próximo.
DR. G.B.	Exercício da profissão escolhida na

	juventude: Magistratura. Sente satisfação pela escolha correta. Encara o trabalho como parte da vida, do crescimento, do amadurecimento. Trabalho é viver uma experiência em uma necessidade de relacionamento com o outro. Trabalho é formador para vida. Considera-se um grande pedagogo.
ÍRIS	Vida profissional produtiva, como historiadora e professora. Sente-se realizada profissionalmente. O trabalho caminha junto com a existência do ser humano. O indivíduo tem necessidade de se realizar profissionalmente, pois com ferramentas certas se faz o caminho do trabalho. Sem o trabalho a vida fica sem sentido.
MARIO	Tem o trabalho como uma bênção. Funciona como educador, com poder moral e medicinal. Valoriza o trabalho como agente construtor do homem e da sociedade. “Com mais trabalho, as cadeias ficariam vazias e o povo não gastaria tanto com medicamentos”. “Trabalho é distração”. “Cabeça vazia é oficina do diabo”. “Se o governo soubesse a riqueza que é o trabalho, ele não deixaria faltar emprego para ninguém”.
VITA	Trabalho voltado para construção social do indivíduo. Militante para o bem estar do idoso, participante ativa na Pastoral do menor. Vê o trabalho como transformador e formador do cidadão. Vê o trabalho como fim para uma velhice mais saudável, mais equilibrada e mais feliz.
AFONSO	“Trabalho enobrece o ser humano”. “Ficar sem trabalho entristece a gente”. “Trabalhar vem de família, meu pai trabalhava na fazenda desde o clarear do dia até o pôr-do-sol”. “Trabalhar é como estar celebrando diante de Deus dando graças a Ele, por tudo que Ele nos dá”. Seu lema: “A Deus tudo, ao

	povo muito, a mim, o suficiente para servir”.
--	---

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após anos de trabalho, as pessoas chegam à aposentadoria e essa fase evolutiva de vida pressupõe perdas da atividade, da capacidade de trabalho, da função como ser produtivo, da participação ativa na sociedade. Num novo cenário da sociedade e do mundo do trabalho que se nos apresenta, temos que considerar as muitas mudanças que vêm ocorrendo e, quanto à aposentadoria, vemos pessoas tornando-se líderes em diversas áreas de atividades, sendo criativas, dinâmicas, trabalhando com responsabilidade e eficiência, eficácia e, principalmente, efetividade.

Numa análise mais profunda do que ocorre na realidade atual percebe-se indícios de que uma parcela da camada populacional da chamada terceira idade está fugindo do pessimismo sugerido pelo antigo conceito de velhice. Ela vive o presente dentro de um cotidiano muitas vezes adverso, mas preponderantemente com olhos voltados para o futuro.

Através do presente estudo foi possível constatar que os sujeitos pesquisados utilizam-se de suas experiências profissionais e pessoais, canalizando-as para ações concretas de solidariedade; são pessoas que aceitam o novo sem rigidez e, até, sem grande dificuldade; são “velhos moços”, no sentido de abertura de corações e mentes, agregando à experiência vivida o que de positivo o mundo lhes oferece; são pessoas que tratam da saúde física como um bem, compreendendo as dificuldades e sendo, inclusive, resilientes em seus comportamentos; e são fortalecidos pelo exercício da espiritualidade que lhes dá ânimo e coragem para seguirem em busca de um futuro favorável para quem conta com as graças de Deus. Em suma, mostraram-se e professaram-se homens e mulheres de luta pela própria sobrevivência, por suas famílias, pelo bem estar do outro e por sua comunidade.

Em sua maioria, os sujeitos demonstraram ser pessoas atualizadas, que movimentam a sociedade – cidade e região – através de ações que vão desde as individuais - como lidar com informática - até as coletivas, que pressupõem a primeira - como orientar pesquisas, lidar com grupos, liderar movimentos em prol do desenvolvimento espiritual e liderar ou participar de eventos culturais. Estas atividades são, como regra, de caráter filantrópico e tidas pelos sujeitos como fonte enriquecedora de suas vidas, posto que possibilitam a ação, a participação e a realização pessoal. Ficou evidenciado que os mesmos utilizam-se de suas experiências profissionais e pessoais, canalizando-as para ações concretas de solidariedade.

Constatamos que alguns dos sujeitos continuaram sua trajetória profissional após a aposentadoria, desenvolvendo atividades intelectuais tal como faziam quando comprometidos formalmente com o trabalho. Chama atenção o fato de terem preservada a capacidade, a disposição e a motivação por seu trabalho, o que pode denotar que este realmente fez parte de sua vida como identificação plena e formação de sua identidade.

A capacidade e motivação para o trabalho claramente demonstrado por todos os sujeitos estão associadas à sua visão de mundo, expressa na categoria “visão de mundo na fase da aposentadoria”, somada a auto-percepção e ao auto-conceito, expressos nas categorias “auto-percepção na fase da aposentadoria” e “como se vê com a idade que tem”. Os depoimentos e as histórias de vida mostraram uma coerência destas com as atitudes e as decisões sobre o momento evolutivo da maturidade, tomadas pelos aposentados estudados: busca por dinamismo, somada ao exercício da generosidade, fortemente encontrados e expressos na categoria “exercício da generosidade”.

Os entrevistados expressaram claramente que como parte de um processo de envelhecimento pacífico e saudável faz-se necessário preparar-se para a aposentadoria. Conforme focado em um artigo do Jornal “Cuidadores” por Dal Rio (2006) afastar-se do mundo produtivo configura-se como uma passagem, uma grande mudança que requer planejamento. Hoje, confirmando esta tese,

observa-se um grande número de aposentados engajados em diversas atividades que possam mantê-los “vivos e ativos”.

Com a atividade laboral em alta, os sujeitos deste estudo demonstraram ser, em alguma medida, resilientes, o que lhes confere coragem e ânimo para vencer as adversidades, superar crises pessoais, seguir em busca de uma melhor qualidade de vida para si e para o outro, incluindo aí o exercício da solidariedade e da generosidade.

Como foi apresentado na fundamentação teórica que norteou esta pesquisa, pensar na aposentadoria quando se está trabalhando pode representar um sonho de liberdade e desejo de concretização dos ideais postos de lado quando mais jovem e ainda não se sentindo como dono de suas decisões e da própria vida. Como diz Dom Valfredo Tepe: “até aos 35 anos o homem está se preparando para a vida, conquistando um lugar, o seu lugar na vida e na sociedade. Mas, depois de ter conseguido tudo - emprego, posição social, fama - pergunta a si mesmo angustiado: é isso a vida? É para isso que tanto lutei?” (TEPE, 1977. p.134).

Citando Jung, Tepe (1977) reafirma que os homens por volta dos quarenta anos começam a preocupar-se e indagar-se sobre o sentido de suas vidas: “Significativa é a observação de Jung: todos os seus pacientes que ultrapassaram a primeira metade da vida [...] [...] sofriam, essencialmente, do problema religioso” (TEPE, 1977.p.134).

Atualmente, o trabalho voluntário e solidário tem conquistado muitos simpatizantes, porém percebe-se que sua grande maioria é composta de aposentados que trocam possíveis crises de solidão, isolamento e inutilidade pelo desempenho do trabalho solidário, exercendo atividades comunitárias. Vale ressaltar que todos os sujeitos desta pesquisa demonstraram carregar esses valores desde a mais tenra infância, pois numa observação mais acurada de suas falas é notório que sempre tiveram suas vidas pautadas pelo bem, pela moral, pela justiça e pelo respeito pelo outro.

A Psicologia nos diz que o ser humano cresce através do amor e do trabalho, e pensamos ser esta a razão de tanta vitalidade e alegria observadas em nossos entrevistados.

Sentem-se tão realizados e gratificados em suas ações em favor do outro que dificilmente se percebem com a idade que realmente têm. Ao contrário de tantos outros, os aposentados desta pesquisa experimentam a alegria de transmitir a experiência, de passar adiante o legado profissional que custou toda sua vida para tornar-se o que hoje são. Eles não sofrem do preconceito, tão reclamado por esta fase da vida. Ao contrário, são tidos como exemplos de prestígio, poder, cidadania, enquanto estão recriando o presente, estimulando a solidariedade e transformando-se em fonte de esperança para muitos.

No tocante ao objeto de estudo desta pesquisa, cremos que nossos entrevistados responderam qual é o significado do trabalho, e a forma em que ele é exercido nesse momento tão expressivo de suas vidas: a idade madura. Os depoimentos que compuseram as categorias “qual a posição das pessoas quanto ao trabalho” e “o sentido do trabalho – na concepção dos aposentados” mostram claramente que as escolhas do período pós-trabalho formal foram coerentes com os desejos, as preferências e os valores de cada um, o que permite que trabalhem com equilíbrio e harmonia interna e externa, transmitindo ao outro e à sociedade aquilo que tem sentido para cada um. Interessante assinalar que quando do estudo da categoria “vida pós-aposentadoria” foi unânime a associação deste momento de vida com o trabalho. Todas as falas expressas no quadro em questão referem o trabalho como centro da vida dos sujeitos.

Concluimos o presente estudo com a certeza de que uma nova perspectiva está em processo com relação à idade madura e à aposentadoria – tomando o trabalho como o sentido do fazer humano, da vida como construção social, da contribuição que cada um traz a partir de sua capacidade de ser e de fazer. E esta perspectiva se baseia no acervo de estudos realizados na atualidade, como foi mostrado nesta pesquisa e, também, no que constatamos entrevistando os oito sujeitos com quem trabalhamos. Cabe, a partir deste estudo, mais buscas com relação ao tema, uma vez que nossa responsabilidade,

dentro da área do conhecimento que abraçamos, toma importância e cresce em significado frente à extensão da vida que, certamente, vale a pena ser vivida e compartilhada, mantendo qualidade e com base em prazer pessoal e na ajuda ao próximo.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Agnaldo de Sousa e MENDES, Alexandre Marques. **Capital, trabalho e formação de classe na indústria do calçado**. Políticas públicas & sociedade. Fortaleza v. 1, n. 5. Jan/Jun 2003. pp. 63-71.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.

BETTO, Frei. **Gosto de uva**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

DAL RIO, Maria Cristina. **O trabalho voluntário: uma questão contemporânea e um espaço para aposentado**. São Paulo: Senac, 2004.

_____, Maria Cristina. **Aposentados voluntariamente ativos**. *Jornal Cuidadores*. n. 15. Vargem Grande Paulista, março 2006.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice:** socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo - Iapesp, 2004.

DE MASI, Domenico de. **O futuro do trabalho:** fadiga e ócio na sociedade pós-moderna. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Editora da UNB, 2000.

ERIKSON, Erik H. **O ciclo de vida completo.** Trad. M.A.V. Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FERREIRA, Aurelio Buarque de Hollanda. **Novo dicionário da língua portuguesa.** 11ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1971.

IBGE – Disponível em : < [http:// www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)>. Acesso em 24 jul. 2007.

LISBOA, Marilu Diez. **Orientação Profissional na Empresa** – Reorientação para a aposentadoria. Texto produzido para o Curso de Formação em Orientação Profissional – A facilitação da escolha, do Instituto do Ser – Orientação Profissional. São Paulo, 1996. (Mímeo).

LORENZETTO, Maria da Graça. **As senhoras do tempo.** São Paulo: Texto Novo, 1998.

MACEDO, Roberto. Imagine-se aposentado. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 29 abril 2007. Empregos, Caderno 3, C –3.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 3ª ed. Rio de Janeiro: HUCITEC – ABRASCO, 1994.

NAVARRO, Vera, Riqueza e miséria do trabalho no Brasil. In: ANTUNES, Ricardo . **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil.** São Paulo: Editora Boitempo, 2006.

PEREIRA, Ana Carolina, CAMARGO, Marcelo Veloso, AQUILINO Renata de Oliveira e ASSIS, Sherman de. **Qualidade de vida no trabalho como fonte motivacional** – Estudo de caso. (Monografia em Administração de empresas). UNI-FACEF – Centro Universitário de Franca. Franca - São Paulo, 2000.

SANTOS, Osmar de Almeida. **Pão Nosso**: a herança emocional do trabalho. 2ª ed. São Paulo: Texto Novo, 1997.

SHEEHY, Gail. **Passagens**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1980.

TEPE, Dom Valfredo. **O sentido da vida**. Ascese cristã e Psicologia dinâmica. 17.ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

ZALMAN, Shalomi Schachter e MILLER, Ronald S. **Mais velhos mais sábios**: uma visão da arte de envelhecer. Rio de Janeiro: Campus, 1996.

ZANELLI, José Carlos e NARBAL Silva. **Programa de preparação para a aposentadoria**. Florianópolis: Insular, 1996.